

Jornal

30 de Agosto



Especial

8 de Março 2012

Dia Internacional da Mulher



Noviski

Sim, a mulher pode!

A representatividade da mulher na política, e nos demais espaços de poder, é o tema central desta edição especial do Jornal 30 de Agosto, que celebra o Dia Internacional da Mulher. Nos diversos textos que compõem esta edição, falamos também sobre a III Conferência Nacional de Políticas para Mulheres, agenda essencial que marcou o final do ano passado, e sobre a representação surpreendente das mulheres que participaram da Guerra do Contestado, conflito que é tema da Agenda 2012 da APP.

Voltando ao tema 'Mulheres e Poder', abaixo reproduzimos uma parte do discurso de posse da primeira mulher presidente do Brasil, Dilma Rousseff: "Divido esta emoção com mais da metade dos seres humanos deste planeta que, como eu, nasceram mulher e que, com tenacidade, estão ocupando o lugar que merecem no mundo... Estar representadas por uma mulher, no mais alto cargo de poder na nossa nação, nos impõe uma responsabilidade ainda maior na nossa luta feminista, mas também nos impulsiona a avançar".

Por isto é tão necessário compreender que nos espaços públicos são definidas as ações que interferem diretamente na vida de todas nós e, por isso, é fundamental que estejamos presentes nestes espaços. Estar presente para: ampliar e fortalecer os organismos governamentais de políticas para as mulheres no plano nacional, nos municípios e nos Estados; efetivar uma reforma política e eleitoral que garanta a participação efetiva das mulheres na política e nos espaços de poder e decisão; implementar políticas públicas estratégicas para a autonomia das mulheres que garantam o compartilhamento das responsabilidades entre homens e mulheres, dos trabalhos da reprodução da vida e do processo produtivo necessário à nossa sobrevivência.

Estes são os motivos da nossa luta. Esperamos que os textos auxiliem a todas e todos na compreensão da importância do avanço do papel da mulher na sociedade. Avanço que conquistamos aos poucos, com guerreiras como Pagu (a militante e feminista Patrícia Galvão), Maria da Penha (que deu o nome a Lei Federal 11.340/2006) e Dilma Rousseff (que ilustram a capa juntamente com Gleici Hoffmann, a ministra Eleonora Minicucci e a nova presidente da Petrobras, Graça Foster). Tenham uma excelente leitura!

III Conferência Nacional de Mulheres

Participar da elaboração das políticas públicas é fundamental para garantir o avanço nas nossas conquistas



Foto: Fábio Rodrigues Pozzebom/ABr

A presidente Dilma Rousseff participa da cerimônia de abertura da 3ª Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres

Realizada nos dias 12 a 15 de dezembro do ano passado, em Brasília, a III Conferência Nacional de Mulheres representou um momento importante na história das mulheres brasileiras. Desde a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, no governo do presidente Lula, muitos foram os avanços rumo à autonomia e à emancipação da mulher.

A realização de três conferências nacionais (2004 – 2008 - 2011) proporcionou a elaboração de um conjunto de propostas, sistematizadas no Plano Nacional de Políticas para Mulheres, a partir do debate e da realidade do movimento feminista, com a representatividade de milhares de mulheres de todas as regiões do nosso país.

É resultado de um processo histórico, de lutas cotidianas no combate à cultura machista e patriarcal. As mudanças vieram aos poucos, e muitas ainda virão à medida da nossa persistência e resistência. Na busca do empoderamento e autonomia das mulheres, há disputas todos os dias e em todos os espaços, e a nossa satisfação em cada passo dado, em cada pequena e grande vitória, é o que nos move.

Uma das principais vitórias das mulheres brasileiras foi a eleição da presidente da república, cargo máximo de representação de poder do nosso país. A presença da mulher no espaço público sempre foi muito limitada, o que se reflete na ausência de políticas públicas voltadas às demandas do mundo feminino.

Participar da elaboração das políticas públicas é fundamental para garantir o avanço nas nossas conquistas. E o processo de realização da Conferência Nacional, que passou por debates nos Municípios e nos Estados, se consolidou como um espaço de diálogo entre a sociedade civil e o poder público, com a abertura à participação e democratização das políticas.

Temas de grande importância para as mulheres de todo o país foram amplamente debatidos e estão representados nas propostas aprovadas, com foco no fortalecimento da autonomia das mulheres. Foram quatro eixos: I - Autonomia econômica e social: igualdade no mundo do trabalho e os desafios do desenvolvimento sustentável; II - Autonomia pessoal; III - Autonomia Cultural; IV - Autonomia política, institucionalização e financiamento de políticas públicas para as mulheres.

Um fator essencial a ser destacado é reconhecimento do papel do Estado na promoção da igualdade entre homens e mulheres. Esta é, sem dúvida, uma conquista ainda maior que a eleição da presidente da república. O mundo machista tentou insistenteamente fazer a separação entre o mundo público e privado, impondo a ideia de que "em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher". E entenda-se que "ninguém" é a sociedade e o Estado.

O movimento feminista não se calou e, junto a vários outros segmentos que questionaram o papel do Estado e das Políticas Públicas, conseguiu "meter a colher" e dar visibilidade às diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres, especialmente nas relações familiares. A intervenção nas políticas públicas, a criação de organismos institucionais e a participação nos Conselhos fazem parte das conquistas do Movimento Feminista, que tem pela frente ainda muitos desafios na construção da tão desejada igualdade de direitos e de oportunidades.

Marilda Ribeiro da Silva

Assessora da Secretaria de Gênero e Igualdade Racial da APP-Sindicato.
Participou da III CNM, como relatora convidada pela SPM.

Leve o debate sobre a igualdade de gênero para a sala de aula

Atividades lúdicas e discussões, baseadas em informações sobre os próprios estudantes, podem estimular o assunto nas escolas.

Um dos desafios que encontramos diariamente, como professoras e professores, é aproximar os grandes temas que debatemos na sociedade da vivência em sala de aula. Nesta edição es-

pecial do ‘30 de Agosto’, que marca o Dia Internacional da Mulher, apresentamos algumas sugestões com a finalidade de auxiliar os educadores e educadoras a introduzir o tema, bem como a discussão sobre o mesmo, das alunas e alunos. Acreditamos que estas atividades servirão de apoio à prática de cada um(a) e contribuirão para o trabalho em classe. Tenha um bom debate!

Sugestões

Pesquisa para identificar o perfil das mulheres do círculo familiar do aluno e da aluna

Questionário – Nome | Parentesco | Idade | Escolaridade | Ocupação

:: No campo “ocupação”, trabalhar o conceito de “dona de casa” e “trabalhadora doméstica”, para desconstruir a ideia de que “não trabalha” quem não desenvolve trabalho remunerado.

:: A partir dos resultados, realizar debate sobre a realidade da condição das mulheres quanto à escolaridade, participação no mercado de trabalho e cuidados com a família, voltados à crítica quanto ao papel cuidador exclusivo das mulheres. Queremos compartilhar as responsabilidades!

Dinâmica: Cantiga de Roda

(Educação infantil até turmas 6 e 7 ano fundamental)

“Da Abóbora faz Melão”

Da abóbora faz melão,
do melão faz melancia.
Da abóbora faz melão,
do melão faz melancia.

Faz doce, sinhá.

Faz doce sinhá.

Faz doce, sinhá Maria.

Faz doce, sinhá.

Faz doce sinhá.

Faz doce, sinhá Maria.

Quem quiser aprender a dançar vai na casa do Juquinha.

Quem quiser aprender a dançar vai na casa do Juquinha.

Ele pula, ele roda, ele faz requebradinha.

Ele pula, ele roda, ele faz requebradinha.



Como brincar:

Nessa brincadeira faz-se um círculo com os participantes. Nesta roda, uma aluna ou um aluno sai dançando pelo centro, enquanto canta-se a música. Quando chega na parte em que se canta “faz doce sinhá, faz doce sinhá, faz doce sinhá Maria”, a aluna ou o aluno para em frente a alguém da roda e faz, com as mãos, uma imitação de panela. A pessoa em frente de quem ele parou faz de conta que estava mexendo o doce na panela. Quando a música chega em: “Quem quiser aprender a dançar” esses brincantes saem pelo centro de mão ou de braços dados. No momento em que canta “ele pula, ele roda, ele faz requebradinha...” os/as brincantes ficam de frente um para o outro e fazem o que a letra está pedindo. E o jogo recomeça com a pessoa que foi tirada da roda até todos participarem da brincadeira.

Tipo de música e dança folclórica executado pelo povo das regiões interioranas ou do litoral.

Análise:

:: A música demonstra o dia a dia das pessoas do campo: “Da abóbora faz melão...” representa o trabalho na roça, nas plantações.

:: “Faz doce sinhá, Maria” Demonstra que os trabalhadores levam o fruto de seu trabalho para casa, para família.. já “Quem quiser aprender a dançar...” mostra o divertimento depois do trabalho.

Questões de gênero para reflexão:

Quem faz o doce dentro de casa? À mulher cabe o papel de cuidado, ou seja, o espaço privado. Na casa de quem é o momento público de diversão? Podemos refletir que mesmo inconscientemente, as músicas e brincadeiras acabam reforçando que o espaço público é destinado aos homens e o privado as mulheres.

Encarte especial - Sugestões de atividades

Filme, vídeo, música e blogs sobre o tema

Sugestões

Filme:

"Acorda, Raimundo, acorda"

:: Discutindo dicotomias e papéis de gênero

Duração: 15'46"

Origem: Brasil

Produção/distribuição: Ibase Vídeo - Iser Vídeo

Ano: 1990

Cor: colorido

Elenco: Paulo Betti, Eliane Giardini, Zezé Mota e José Mayer

Sinopse: Produzido pela ONG Ibase (www.ibase.org.br.) o vídeo apresenta a vida de uma família operária dos anos de 1980 em que os papéis sociais de homem e mulher são invertidos. Por meio dessa inversão, são explicadas desigualdades, situações de violência e ausência de igualdade de direitos.

Blogs Feministas:

:: Lilás com Gengibre

gengibrelilas.blogspot.com

:: Blogueiras feministas

blogueirasfeministas.com

:: Escreva Lola escreva

escrevalolaescreva.blogspot.com

:: Maria Frô

mariafrro.com

:: O mal da indiferença

feministactual.wordpress.com

:: O biscoito fino e a massa

idelberavelar.com

:: Machismo Mata

machismomata.wordpress.com

:: Quem o Machismo matou hoje

machismomata.wordpress.com

:: Cyntia Semírames

cynthiasemiramis.org

:: Feministas sem fronteiras

feministassemfronteiras.blogspot.com

:: O Feminismo está a passar por aqui

colectivofeminista.blogspot.com

Vídeo:

"Boneca na Mochila"

Sinopse: professor acha uma boneca na mochila de um menino. A diretoria da escola telefona para a mãe comparecer no colégio. Ela paga um táxi e começa a escutar um programa de rádio no qual, coincidentemente, está se comentando sobre o ocorrido no colégio. O locutor faz entrevistas com psicólogos, médicos, sexólogos, professores, esclarecendo de como a família deve tratar desse assunto. A mãe, extremamente, nervosa consegue se acalmar durante o trajeto.

Música:

"Geni e o Zepelim"

Autor: Chico Buarque de Holanda

Esta canção fez parte do musical Ópera do Malandro, do mesmo autor, lançado em 1978, do álbum, de 1979 e do filme, de 1986.

Possibilidade de análise:

- Essa música é marcada pelo silêncio e a submissão de Geni! Na medida em que a sociedade exerce um papel de controle sobre o que deveria ser um comportamento dito "normal", nesse sentido, o sistema a cerceia e impede que ela fale.

- O autor, por sua vez, dá voz a Geni, que no decorrer da música heróica sua personagem em um momento de crise, de ameaça e derruba valores sociais preexistentes. Porém, passado a ameaça, a figura heróica desaparece e seu mundo é novamente mergulhado num cotidiano de preconceitos, humilhações e invisibilidade.

Mulheres do campo e da cidade em defesa da justiça social e ambiental

No dia 08 de março, será realizada a 'Marcha das Mulheres do Campo e da Cidade'. Será em Curitiba, com concentração às 9horas, na Praça Santos Andrade. Mais informações no site da APP-Sindicato: www.appssindicato.org.br.





Mulher nos espaços de poder

Salário, condições de trabalho, saúde e educação dos filhos e filhas certamente serão melhores se pensados com o olhar feminino

O Brasil ocupa a 142ª colocação no ranking mundial de participação feminina em cargos eletivos. A presença das mulheres na política ainda é pouco representativa. Mesmo com a aplicação da lei de cotas, temos a menor representação no Congresso Nacional, não chega a 12%, enquanto que em alguns países chega a 53%, como em Ruanda, 43,1% em Cuba e 40% na Argentina. Ocupar estes espaços, bem como

participar das decisões políticas, significa garantir as efetivas mudanças que buscamos nas lutas feministas.

A realidade da mulher trabalhadora, que está nos espaços públicos e privados, sofre a interferência direta das decisões tomadas. Salário, condições de trabalho, saúde e educação dos filhos e filhas certamente serão melhores se pensados com o olhar feminino, olhar de quem vive e so-

brevemente aos problemas criados pela ausência de políticas públicas que cumpram seu papel essencial de cuidar da vida. Para avançarmos no empoderamento e autonomia, temos que atuar para equilibrar a participação e eleição das mulheres, descontruindo a ideia de que o espaço público é espaço masculino. Veja, abaixo, algumas mulheres que venceram este desafio e suas opiniões sobre o tema:



GLEISI HOFFMANN

Ministra Chefe da Casa Civil
da Presidência da República



**ELEONORA
MENICUCCI DE
OLIVEIRA**

Ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM)



MÁRCIA LOPES

Ex-ministra do
Desenvolvimento Social e
Combate à Fome

A eleição da presidente Dilma Rousseff não foi apenas o momento de consagração da participação das mulheres na vida pública do país. Ao convocar para o alto escalão do governo federal um número até então inédito de mulheres, a presidente definiu uma nova fase na gestão dos assuntos mais importantes para o desenvolvimento do país: a da força da sensibilidade.

Valores do gênero feminino como a determinação, o instinto protetor e o cuidado, passaram a caracterizar o perfil das políticas públicas construídas - tratar o desenvolvimento humano da creche à universidade dá a dimensão deste compromisso - que é produzir resultados que façam diferença concreta na vida das pessoas.

A ascensão da mulher às posições de liderança é sinal de que nossa democracia evoluiu, e toda democracia exige contrapartidas. Por isso, neste dia especial gostaria de me dirigir a vocês, educadoras do Estado do Paraná, para registrar que nós, gestoras e professoras, compartilhamos de uma grande responsabilidade: preparar os alicerces das gerações futuras deste país. Que nossa presença continue a humanizar o espaço público.

Feliz dia, mulheres!

A socióloga e professora Eleonora Menicucci de Oliveira, pesquisadora e militante feminista, é a nova ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM). Eleonora é pró-reitora da Universidade Federal de São Paulo e, assim como a presidente Dilma, militante de esquerda desde a década de 60 - que atuou no combate ao regime militar. Foi prisioneira política junto com a presidente e é contribuiu diretamente com a construção da democracia brasileira.

Sua trajetória acadêmica e feminista é marcada por participações em conselhos, comissões e consultorias em políticas públicas e direitos das mulheres. Ao convidar uma feminista comprometida com a luta das mulheres para o Ministério, a presidente Dilma reafirma que seu governo tem compromisso com as Mulheres Brasileiras e com a construção de uma nação que combate o machismo e busca a igualdade. É o olhar feminino e feminista conduzindo as mudanças do nosso país, contra a cultura patriarcal, elitista e preconceituosa, avançando no empoderamento da mulher.



**PROFESSORA
JOSETE**

Vereadora pelo Partido dos
Trabalhadores em Curitiba



LENIR DE ASSIS

Vereadora de Londrina
pelo PT



LUCIANA RAFAGNIN

Deputada Estadual e líder da
bancada do PT na Assembleia
Legislativa do PR (ALEP)

Foto: Nani Góis | Alep

Leis e iniciativas nas áreas de saúde da mulher, segurança, licença-maternidade, paridade de participação, combate à violência doméstica e familiar, entre outras, só foram possíveis, graças à ocupação de espaços de decisão pelas mulheres. Graças a mandatos femininos e à entrada da mulher na política. Não simplesmente por serem mulheres, mas por se constituírem em grandes lideranças das bandeiras feministas ou dos direitos e das causas da mulher na sociedade.

Hoje, defendemos que, da Presidência da República, cargos públicos e mandatos políticos aos espaços de direção nas empresas, organizações e na sociedade, cada vez mais as mulheres se desafiam a participar das instâncias decisivas. Se capacitem e aprimorem sua representação no dia a dia dessas funções. Não só para equilibrar e partilhar essas responsabilidades, mas porque já provamos que podemos ir além!

Do ponto de vista das civilizações ocidentais, é recente na história da humanidade a ocupação, por parte das mulheres, dos espaços de poder. No Brasil, por exemplo, apenas em 2010 conseguimos eleger uma mulher para a presidência da República. Ainda somos minoria nos parlamentos, prefeituras, governos, tribunais. O panorama fica ainda mais restrito quando se procuram nesses locais mulheres da classe trabalhadora. As câmaras municipais, em especial a de Curitiba, cidade historicamente elitista e conservadora, são lugares onde ainda reinam concepções e atitudes machistas. Precisamos superar os pensamentos reacionários que ainda embasam a forma de pensar de muitos homens e mulheres que nos representam.

Por isso, enquanto professora da Rede Municipal de Ensino, vereadora e militante do movimento de mulheres, creio que devo contribuir para a construção de uma sociedade humanamente mais solidária e socialmente justa e também defender um projeto de poder radicalmente democrático e socialista, no qual a igualdade de gêneros seja uma realidade.



**MARIA DAS
GRAÇAS FOSTER**

Presidenta da Petrobras

Foto: Agência Petrobras

A Petrobras também é comandada por uma mulher. A executiva Maria das Graças Foster é a primeira presidente de uma companhia do porte da Petrobras. Ela é engenheira química e atuava na companhia como diretora da área de gás e energia. Uma empresa que é a quinta petrolífera do mundo e tem um papel estratégico no desenvolvimento do nosso país, comandada por uma mulher, é um grande marco na história das mulheres e nas mudanças nas relações de poder.

As mulheres nas representações e no imaginário da Guerra do Contestado

A Guerra do Contestado pode ser interpretada do ponto de vista da literatura e da história. Ambas, história e ficção, são discursos que constituem sistemas de significação, dão sentido ao passado, transformando-os em fatos históricos presentes.

Da ficção à realidade, é possível olhar para as mulheres do século XIX sob uma nova ótica, que em parte contrapõe o discurso da história oficial.

A história oficial traz os homens como os “heróis” e as mulheres, quando citadas, são divindades, virgens, figuras submissas, pacíficas e até como estorvos nos momentos de combates. O papel da mulher na narrativa de Schüller (2004), “Império Caboclo” revela a identidade das mulheres de origem cabocla: índias, negras e pobres.

Ultrapassando e, ao mesmo tempo, contestando a forma que os homens retrataram as mulheres no Contestado: apenas como “santas” virgens ou então como “prostitutas”, elas foram bem mais além. Elas questionaram o espaço de poder, lutaram por seus direitos, por liberdade e foram à guerra.

De virgens a guerreiras, as mulheres do Contestado se destacavam por sua determinação: Constantina, Maria Rosa, Etelvina, Francisca Roberta, conhecida como “Chica Pelega”, Sebastiana, Querubina-vidente Teodora, a “dondoca” Christabel. Tinha também a figura enigmática da velha prostituta “Beija Flor” que, junto a seu batalhão de mulheres guerreiras, eram a “perdição” dos homens, mas também “lutavam como homens”. Essas e outras mulheres foram protagonistas e exerceram diferentes papéis sociais. De um lado, elas representaram a pureza e a renovação. De outro, o mundo obscuro da violência, da opressão e da submissão ao universo masculino.

A figura de Maria Rosa, a virgem, mulher-mãe, respeitada e temida por todos, reconhecida como a “Joana D’Arc” do sertão. Seu nascimento ocorreu num quarto solitário, apenas com a presença de sua mãe e de uma parteira das redondezas. Já na adolescência começou a quebrar paradigmas e desmistificar conceitos machistas e patriarciais, conduzindo um grande exército de homens e mulheres nas terras contestadas entre Paraná e Santa Catarina.



Mulheres do Contestado é tema do mês de março na agenda 2012 da APP.

Maria Rosa era ainda uma adolescente na casa de seus quinze anos, loura, cabelos crespos, alegre e de extrema vivacidade. Falava com desembaraço e andava amiúde com um vestido branco enfeitado com fitas azuis e verdes e penas de pássaros. O povo dos redutos a considerava uma santa e acreditava que ela tudo sabia, cumprindo todas as ordens que ela emitia. Desde o início de sua vida pública exercia uma liderança nata, tomando as mais importantes decisões do reduto. Caminhava com seu povo, rezava com eles, definia chefias e coordenações, além de ter a função de juíza entre os sertanejos, nomeando líderes religiosos e militares e até sentenciando à morte conforme o crime ocorrido. Ela percorria cada canto do reduto a cavalo, com uma das mãos conduzia as rédeas do animal e com a outra levava o estandarte.

Além de Maria Rosa, as “virgens” Sebastiana e Etelvina viviam na “Casa das Virgens”, onde eram vistas como “santas”, e alvo da cobiça dos ho-

mens. Lá, elas viveram momentos de violência, tortura e abuso sexual por parte dos jagunços, até o dia em que Etelvina se rebelou e decidiu fugir rumo à liberdade, revelando para as demais a força, que até então, adormecia à sombra de femininos gestos suaves.

Por fim, as inúmeras mulheres que participaram da Guerra do Contestado, no meio da floresta, reclamando por seus direitos, lutando por sua liberdade, identidade e sua história, continuam vivas no imaginário. Suas vozes, na busca por igualdade, ainda podem ser ouvidas. Outras Marias, Etelvinas, Chicas surgiram quebrando o silêncio em vários lugares do mundo na luta com o patriarcado e a opressão.

**Professor Célio Valter Mendes
Solange Ferreira**

Assessora da Secretaria de Formação da APP-Sindicato.

Expediente

APP-SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO PÚBLICA DO PARANÁ - Rua Voluntários da Pátria, 475 - 14º andar - Ed. Asa - Curitiba - PR
CEP: 80.020-926 - Fone: (41) 3026-9822 - Fax: (41) 3222-5261 - www.appssindicato.org.br - **Direção:** Presidência - Marlei Fernandes de Carvalho • Sec. Geral - Silvana Prestes de Araújo • Sec. de Finanças - Miguel Angel Alvarenga Baez • Sec. de Administração e Patrimônio - Clotilde Santos Vasconcelos • Sec. de Organização - Hermes da Silva Leão • Sec. de Aposentados - Tomiko Kiyoku Falleiros • Sec. de Municipais - Edilson Aparecido de Paula • Sec. Educacional - Walkíria Olegário Mazeto • Sec. de Formação Política Sindical - Janeslei Aparecida Albuquerque • Sec. de Imprensa e Divulgação - Luiz Carlos Paixão da Rocha • Sec. de Sindicalizados - Mariah Seni Vasconcelos Silva • Sec. de Assuntos Jurídicos - Mario Sergio Ferreira de Souza • Sec. de Política Sindical - Isabel Catarina Zöllner • Sec. de Políticas Sociais - Luiz Felipe Nunes de Alves • Sec. de Funcionários - José Valdivino de Moraes • Sec. de Gênero e Igualdade Racial - Elizamara Goulart Araújo • Sec. de Saúde e Previdência - Idemar Vanderlei Beki

Uma produção da Secretaria de Gênero e Igualdade Racial da APP-Sindicato - generoeraca@app.com.br

- **Organização:** Elizamara Goulart Araújo e Marilda Ribeiro da Silva.
- **Projeto Gráfico e Diagramação:** Rodrigo A. Romani (DRT 7756-PR) – Secretaria de Imprensa e Divulgação da APP-Sindicato
- **Ilustração da capa:** Noviski • **Gráfica:** WL Impressões • **Tiragem:** 20 mil exemplares.